

Oswaldo Pinho

# Palavras Agrídoces

• sonetos •

edita<sup>me</sup>

## À LA MINUTE

Alto, rosto comprido, não moreno,  
Cabelo curto, liso, cor caruma,  
Tão branco agora como a alva espuma,  
Nariz normal, nem grande nem pequeno.

Sobre o lábio superior arruma  
Bigode com nevão. E, não sereno,  
Acede à Musa que lhe faz aceno  
E solta o estro, sem paciência alguma.

Discreto nos diversos ambientes,  
Gosta de conviver, cansar os dentes  
E passá-los também por um bom vinho!

Amigo dos amigos tão fiéis,  
Amigos, sou quem todos vós sabeis,  
O Osvaldo Oliveira Campos Pinho.

## NÃO MINTO

Não sei para que pego na caneta  
Se as palavras a tanto custo arranco...  
É quase como um cego, surdo e manco  
Sonhar com êxitos em estafeta!

As negras noites passo-as em branco,  
Os miolos a fervilhar... Pateta!  
Se em algum transe me julguei poeta,  
Aqui me penalizo, muito franco.

Mas não resisto à forte inclinação  
De tentar exprimir toda a emoção  
Que em momentos especiais eu sinto.

Se bem ou mal, perfeito ou imperfeito,  
Se com habilidade ou pouco jeito,  
É com verdade, que mentir não minto.

## EMIGRANTE

Sou um Cambrense emigrante  
E moro perto de um rio,  
Onde o Verão é escaldante  
E o Inverno muito frio.

Chego a Cambra num instante  
Sem andar em rodopio...  
Chama-me o tempo distante,  
Pois este está por um fio.

Recordo tempos antigos  
E revejo alguns amigos  
Que a todos não posso ver.

E regresso satisfeito,  
Com alegria no peito  
Que vai voltar a sofrer...

## NINGUÉM SABE

Ninguém sabe, como nós,  
Os da nossa terra ausentes,  
Dos sentimentos plangentes  
Que nos embargam a voz.

Ninguém sabe, indiferentes,  
Quanto nos sentimos só  
Que o ímpio destino impôs  
Recordações em torrentes.

Ninguém sabe, pressuposto,  
Que quem me enrugou o rosto  
É saudade que se chama

Ninguém sabe, com certeza,  
Que come comigo à mesa  
E dorme na minha cama.

## A MINHA TERRA

Linda terra amontanhada,  
Vale das minhas raízes  
Da diáfana alvorada  
De tantos dias felizes!

Paisagem verde e azulada  
Em paleta de matizes,  
Natureza caprichada,  
Primorosa, sem deslizes.

Branças aldeias, diversas,  
Pela verdura dispersas  
Lembram casulos de abelhas

Quanta força e energia  
Germinam em cada dia  
Debaixo daquelas telhas!

## PÁTRIA

Portugal, Pátria querida,  
Como te amo e te quero!...  
Amo-te com desespero  
E quero-te como à vida.

Não te tratar com esmero  
E dignidade devida  
É traição imerecida,  
Pede castigo severo.

Pátria onde correu sangue  
De tantos bravos heróis,  
Estás de rastos, exangue!

Unidos na adversidade,  
Patrícios, mostrai que sois  
Portugueses de verdade...

## CÁLIDO AGOSTO

Sente-se um vento fresco, nesta calma,  
Que suaviza, que amaina, que tempera,  
Como a oração rezada, para a alma,  
Como a sombra da tília refrigera.

Assim como a coroa em verde palma  
Na fronte transpirada que vencera,  
Ou o antibiótico que acalma  
A dor silenciosa a quem sofrera.

Abençoado vento que suaviza,  
Que mansamente corre, feito brisa,  
Num cálido, exigente mês de Agosto.

Uma tosse convulsa e resistente  
Fez-me pensar, inopinadamente,  
Que me sinto mais débil, mais exposto.





Osvaldo Oliveira Campos Pinho nasceu em Vale de Cambra, na freguesia de Vila Chã, em Maio de 1940, onde residiu até 1964.

Actualmente tem residência em Livração, freguesia de Toutosa, concelho de Marco de Canaveses, onde se radicou.

Bancário desde 1964, sempre ligado ao Banco Borges & Irmão, aposentou-se em 1995.

Em 1997 prosseguiu a mesma carreira profissional no Banco Alves Ribeiro, S.A., hoje Banco Investe.

Escrevendo desde bastante jovem, colaborou com diversos jornais e revistas.

É autor dos livros de poesia *Fragmentos e Mosto e Vinagre* – que não chegaram ao prelo – *Palavras* e *Palavras, simplesmente*, publicados em 2004 e 2009 respectivamente.

MARCO Câmara Municipal  
DE CANAVESES

  
Vale de Cambra  
Câmara Municipal  
Apostar nas pessoas, ganhando o futuro.

  
BANCO  
INVEST  
GABRIEL LOPES, PRESIDENTE